



Parque Nacional da Peneda-Gerês



### Sugestões:

- Use os binóculos e a máquina fotográfica. Consulte os manuais de campo.
- Procure as indicações e conselhos dos funcionários do PN.
- Se a visita se efectuar no Verão, aconselha-se o uso de chapéu e protector solar, assim como uma reserva de água. Se no entanto esta se realizar no Inverno, não esqueça o uso dos agasalhos e impermeáveis.
- Esteja atento às rápidas mudanças climáticas que ocorrem a estas altitudes, em especial aos nevoeiros, trovoadas e ventos.
- É possível que ocorram alguns encharcamentos do caminho carreteiro na parte final do percurso, no vale do rio Laboreiro. Leve calçado adequado.
- Recomenda-se a visita à povoação de Castro Laboreiro, ao seu castelo e o percurso pelas brandas e inverneiras desta freguesia.

### Ficha Técnica do Percurso

Nome:	“Trilho Interpretativo de Castro Laboreiro”
Entidade promotora:	Parque Nacional da Peneda-Gerês
Localização:	Concelho de Melgaço; Freguesia de Castro Laboreiro
Tipo de percurso:	Pequena Rota (PR)
Âmbito do percurso:	Paisagem Rural
Distância percorrida:	Cerca de 3 km
Duração do percurso:	Cerca de 2 Horas
Grau de dificuldade:	Moderado com pouco declive
Cota mínima/máxima:	950 m / 1094 m



Instituto da Conservação da Natureza



Ministério das Cidades,  
Ordenamento do  
Território e Ambiente

edição ICN/PMPG, texto Adaptação de texto original de António Martinho Baptista e Henrique Pereira dos Santos fotografia António Jorge Barros design gráfico Sublimar, Lda cartografia Ana Fontes impressão Inova-Arte Gráficas tiragem 2000 data Dez. 2003

Parque Nacional  
da Peneda-Gerês



# TRILHO INTERPRETATIVO DE CASTRO LABOREIRO

percurso pedestre



Caminho Certo



Virar à Esquerda



Caminho Errado



Virar à Direita



### CUIDADOS A TER:

- Siga as indicações da sinalização. Não saia do traçado definido.
- Evite fazer ruídos e barulhos.
- Não abandone o lixo. Leve-o até um local de recolha.
- Não faça fogo.
- Deixe a natureza intacta. Não recolha plantas, animais ou rochas. Fotografe. Será uma excelente recordação.
- Cuide do seu conforto. Utilize vestuário e calçado adequado.

PR

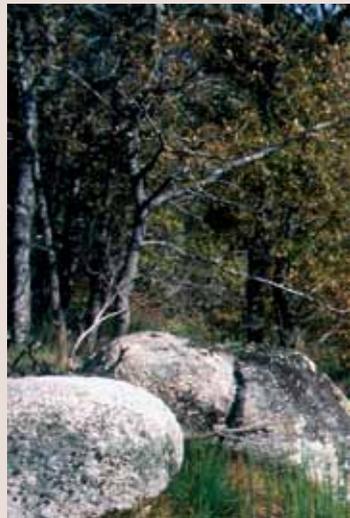


A área de Castro Laboreiro é das poucas zonas de Entre Douro e Minho em que os efeitos da introdução do milho nos Séc. XVI e XVII são sentidos mais indirectamente. Este facto, motivado pela pouca adaptação da cultura do milho ao clima agreste da zona, permitiu que aqui se mantivessem formas de ocupação e exploração do território que se encontram extintas ou pelo menos em decadência nas regiões vizinhas.

O trilho que agora se inicia é um trilho de pequena rota (PR), marcado e sinalizado segundo as normas internacionais. Desenvolve-se na encosta que liga a povoação de Castro Laboreiro ao planalto, permitindo uma percepção geral das engenhosas soluções encontradas para a ocupação humana contínua desta área.

#### **Posto 1** Castro Laboreiro/Cemitério

Partindo do cemitério da aldeia, sobe-se por uma estrada asfaltada, por entre um pequeno carvalhal, para um pouco adiante cortar à esquerda, tomando um dos caminhos principais de acesso ao planalto. A pavimentação, a cuidada contenção do caminho, sempre entre muros e valados, a existência de numerosas agueiras «valas de escoamento de águas», mostram a importância do caminho, cuja decadência começa apenas na década de 70 do Séc. XX, com a construção da estrada que acabamos de abandonar. Por aqui transitavam o gado e as gentes nos seus movimentos de vai-vém, entre o planalto e o vale.



#### **Posto 2** Lameiros/Regadio

Como verificaremos ao longo do percurso, sempre que a terra o permite, o homem trabalha-a intensamente, apropriando-se dela. Quando o solo é demasiado pobre,

as populações associam-se na sua exploração colectiva, economizando esforços e rentabilizando grandes áreas com pouca capacidade produtiva.

#### **Posto 3** Carvalhal

Cortamos à esquerda e entramos de novo num pequeno carvalhal, onde é possível encontrar duas espécies distintas desta árvore. Logo à entrada e olhando para cima, podemos ver um carvalho de folha mais recortada e um outro de folha mais homogénea. Se pudermos verificar a parte debaixo das folhas, sem as arrancar, veremos pequeninos pêlos numa, que não existem na outra. O primeiro é um carvalho negral (*Quercus pyrenaica*); o segundo um carvalho roble (*Quercus robur*). Subindo a encosta, atravessamos o carvalhal e vamo-nos aproximando de uma paisagem com algumas diferenças. A parte superior da encosta é menos rica em água, tem um solo mais pobre e um clima mais rigoroso, como se preparando a entrada no planalto.



#### **Posto 4** Branda da Portela

O carvalhal desapareceu e para a nossa direita, olhando para trás, fica Castro Laboreiro. Por detrás da povoação vemos uma interessante formação geológica que pela sua disposição pode ser comparada com uma procissão. A povoação abriga-se no fundo de uma depressão, aproveitando um grupo de afloramentos rochosos e evitando o desperdício de solo agrícola, vital para a sua subsistência. Quando o caminho entronca num outro perpendicular, viramos para a esquerda, deparando pouco depois com a branda da Portela. A branda é uma povoação ocupada apenas, ou fundamentalmente, no verão. Associada a branda está sempre uma inverneira, ocupada no Inverno. Este sistema de povoamento duplo ou desdobrado existe em toda a serra da Peneda mas foi em Castro Laboreiro que ele tomou contornos mais marcados. A variação na ocupação de povoações consoante a época do ano tinha como objectivo permitir a exploração do

cimo das serras com o gado, ao mesmo tempo que o rigor do inverno era suavizado pela fuga para o vale. Olhando em volta, veremos uma série de brandas, todas implantadas da mesma forma, junto de pequenos vales mas praticamente já no planalto.

#### **Posto 5** Planalto

Cortando à esquerda, evitaremos a branda da Portela e dirigimo-nos para o planalto. Um pouco adiante, tomamos um caminho carreteiro à esquerda, desviando-nos do acesso ao planalto. Se olharmos para a esquerda, teremos o monte do Castelo, cuja visão nos acompanhou quase sempre ao longo do percurso. A sua localização torna-o quase inexpugnável, permitindo-lhe simultaneamente dominar o vale do rio Laboreiro e regiões fronteiriças adjacentes. A esta dominância estratégica teve Castro Laboreiro parte da sua importância na Idade Média. Se a ocupação do Castelo parece ser muito remota, o seu abandono também se dá muito cedo e Castro Laboreiro fechar-se-á sobre si mesmo, praticamente até meados do Séc. XX.

#### **Posto 6** Mato rasteiro

Percorremos o rebordo do planalto. O mato rasteiro que vamos pisando é a base da alimentação do gado no verão. E é também daqui que se tira o mato com que se estrumam as terras agrícolas. Há uma relação estreita entre as duas formas de uso da terra. É a agricultura que sustenta o gado no Inverno e é o mato que mantém a fertilidade do solo. Deste equilíbrio precário se viveu e se vive aqui.

#### **Posto 7** Afloramento granítico/Miradouro

Agora o caminho é ladeado por muros de pedra solta, que limitam os campos de sequeiro. Mais à frente, avistaremos à esquerda um afloramento rochoso de onde poderemos tentar compreender um pouco melhor a paisagem circundante. Nos vales sabemos que estarão as inverneiras. As brandas que vemos pontilhando o planalto são como que a sua sombra. Castro Laboreiro (lugar fixo) poderá ser considerada como a mais alta das inverneiras e a mais baixa das brandas. Em frente e um pouco à esquerda, um relevo vigoroso de contrastes, onde as diferenças do granito permitem algumas variações. Para trás, para o planalto, um relevo velho, ondulado, ainda pouco afectado pela erosão das ribeiras que o cortam. Para a direita, a paisagem mais suave do xisto, onde as transições se dão gradualmente e sem quebras.



#### **Posto 8** Lameiros/Regadio

Começamos a descer e tal, como quando nos aproximávamos da branda da Portela, são os campos de sequeiro e pequenas manchas de carvalhal que nos acompanham. O pequeno caminho por onde seguíamos acaba num caminho mais largo onde se corta para a esquerda. Antes de continuar, olhemos por sobre o muro e vejamos o belíssimo prado de lima que ladeia este vale, continuado depois por um notável carvalhal. O aproveitamento da abundância da água, mesmo em situações que a inclinação não permite a agricultura, é um bom exemplo da sabedoria secular no uso do território. O prado permanente que vemos protege a encosta da erosão provocada pelo escorrimento da água. No Inverno o prado é limado - escorre permanentemente sobre ele um finíssimo lençol de água - com o objectivo de manter a temperatura acima dos 0° C, evitando-se deste modo a formação de geadas que queimaria a erva. Descendo a encosta é o carvalhal que domina, mas sempre que é possível este é substituído pelo prado, bastante mais produtivo. Um pouco mais abaixo viramos à direita e seguiremos o velho caminho parcialmente empedrado, até ao vale.

#### **Posto 9** Vale do rio Laboreiro/Lameiros

Chegando ao vale completamos a nossa aproximação a esta paisagem. É aqui que os prados de lima atingem a sua maior expressão. No Outono e no fim da primavera, podemos ver com facilidade todo o complexo sistema de condução de água. Junto ao muro que ladeia o caminho podemos ir vendo pormenores do sistema de partilha das águas, uma das principais preocupações das comunidades que utilizam o regadio.

#### **Posto 10** Castro Laboreiro/Cemitério

E eis-nos, de novo, junto do cemitério onde, como por curiosidade, se podem observar as diferenças de estilo que se vão verificando, das campas mais antigas para as mais modernas. Se atentar nas inscrições fúnebres, teremos também a noção clara da importância da emigração. Esta é uma terra ingrata para quem se lhe dedica. Respeite por isso quem construiu a paisagem por onde andou, ajudando-nos a manter vivas as marcas que o tempo e o homem nela gravaram.

